

Literaturas para a diferença: a voz de Geovani Martins

Literaturas para la diferencia: la voz de Geovani Martins

Ma. Élide Cristina de Carvalho Castilho¹

Resumo

Este trabalho busca entender como se relaciona o linguístico e o social na (des)construção de sentidos identitários de um texto literário. Para isso, buscamos descrever e interpretar o funcionamento discursivo das falas de personagens marginalizados na Literatura Marginal Contemporânea, tendo como referência os personagens jovens e adolescentes do conto “Espiral”, segundo conto do livro “O Sol na Cabeça”, do escritor carioca Geovani Martins. Morador da favela do Vidigal, Martins traz como referência temática esse locus de enunciação/criação/resistência, em que a escrivência, além de legitimar um poder de fala, também contribui para a proposição de outras discursividades, outras subjetividades. Sob os pressupostos teóricos dos estudos discursivos e toda gama transdisciplinar que ele abarca, pretendemos, em diálogo próximo com os Estudos Culturais e Ciências Sociais analisar, nas condições de emergência da obra, como o autor (des)constrói discursos, memórias e identidades sobre esses personagens que, nessa narrativa e, cada vez mais na contemporaneidade, parecem reivindicar não só na voz literária, mas, sobretudo, na voz social, uma presença, que promova deslocamentos e, portanto, (re)(s)significações de uma metafísica ocidental.

Palavras-chave: Discurso; Identidade; Personagens Marginalizados.

Resumen

Este trabajo busca comprender cómo se relacionan lo lingüístico y lo social en la (des) construcción de significados identitarios de un texto literario. Para ello, buscamos describir e interpretar el funcionamiento discursivo de los discursos de personajes marginados en la Literatura Marginal Contemporánea, teniendo como referencia a los personajes jóvenes y adolescentes del cuento “Espiral”, segundo cuento del libro “O Sol na Cabeça”, del escritor carioca Geovani Martins. Residente de la favela de Vidigal, Martins trae como referencia temática este locus de enunciación / creación / resistencia, en el que el escribano, además de legitimar un poder de palabra, también contribuye a la proposición de otras discursividades, otras subjetividades. Bajo los supuestos teóricos de los estudios discursivos y todo el espectro transdisciplinario que engloba, pretendemos, en estrecho diálogo con los Estudios Culturales y las Ciencias Sociales, analizar, en las condiciones de emergencia de la obra, cómo el autor (des) construye discursos, memorias e identidades sobre estos personajes que, en esta narrativa y, cada vez más en la actualidad, parecen reclamar no solo en la voz literaria, sino, sobre todo, en la voz social, una presencia que promueve desplazamientos y, por tanto, (re) (s) significados de una metafísica occidental .

Palabras clave: Discurso; Identidad; Personajes marginales.

1. Introdução

O campo dos estudos da linguagem sempre manteve com outras áreas do conhecimento, como a história, a sociologia, a literatura ou a psicologia, entre outras, uma relação inescusável de aproximações. Pesquisas em diferentes áreas das Humanidades e da Linguística têm comprovado que o leque de possibilidades temáticas suscetíveis de análise e investigação vem se expandindo não só no Brasil, mas também no mundo, ampliando, sobremaneira, as

¹ Mestra em Estudos Linguísticos; Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS; Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil; elida.castilho165@gmail.com

aproximações teóricas entre diferentes áreas do conhecimento. Assim, mais que (re)afirmar certos discursos, esses diálogos se propõem a (re)examiná-los, (res)significá-los em um campo profícuo de intersecções e de crítica à modernidade que inclui, substancialmente, os modos de subjetivação, a mediação entre o homem e o mundo, pois,

As verdades produzidas pela modernidade, entendidas como capazes de explicar o sujeito e seus impasses subjetivos, já não respondem mais aos anseios desse sujeito que, não coincidente consigo mesmo, chama pela produção de outras possibilidades de exercício da subjetividade. (BERTOLDO, 2016, p. 9)

Dentre essas possibilidades, neste texto, as que envolvem o campo literário. Reconhecido e legitimado socialmente, o discurso literário ainda é um poderoso instrumento responsável pela dominação simbólica da figuração do outro. Muitas de suas páginas, subjetivou (e ainda subjetiva) muitas representações identitárias, entretanto, de maneira estereotipada, contribuindo, em muitos casos, para reafirmar representações de sujeitos e subjetividades, dentro de uma metafísica ocidental, preconceituosas e excludentes, pois as narrativas e a produção literária nacional ainda estão longe de “um mosaico, composta por várias perceptivas, vista de ângulos diferentes” (DALCASTAGNÈ, 2018, online). Mas, em que medida a produção literária de sujeitos e subjetividades outros, manuseada por outras mãos e usada para contar outras experiências que não as da elite (DALCASTAGNÈ, 2017, p. 11; PATROCÍNIO, 2013, p. 12), podem viabilizar oportunidades para uma consciência social mais plural e diversificada?

No que diz respeito às concepções de sujeitos e subjetividades marginalizados, a voz literária de Geovani Martins, em “O Sol na Cabeça”, se (re)(a)presenta nessa alteridade, nesse diálogo com o outro, principalmente, por questões relativas à autoria, às formas de poder e à (des)construção de subjetividades dos referentes que narra. A partir da perspectiva desse outro olhar, dessa escrivivência, sua escritura, além de legitimar um poder de fala, também contribui para a proposição de outras discursividades, outras explicações e compreensões na crítica às relações desiguais sobre a favela e seus moradores.

Assim que nosso objetivo é descrever e interpretar o funcionamento discursivo das falas de personagens marginalizados na Literatura Marginal Contemporânea, tendo como referência os personagens jovens e adolescentes do conto “Espiral”, segundo conto do livro “O Sol na Cabeça”, problematizando no e pelo seu discurso, as formas de inscrição da subjetividade. Enquanto recorte teórico-metodológico, analisaremos em consonância com os postulados das teorias do discurso-desconstrutivas (CORACINI, 2007; 2003) e toda gama transdisciplinar que esse viés teórico abarca, uma vez que entendemos que tal intersecção nos possibilita percorrer e discutir alguns diferentes caminhos do texto e seu contexto, para além das formas de interpretação vigentes sobre sujeitos e subjetividades no âmbito dos estudos literários.

2. Literaturas para a diferença: a voz de Geovani Martins

As narrativas de e sobre personagens marginalizados dentro da historiografia literária canônica, foi (é) marcada por uma produção discursiva de exclusão, de invisibilidade, de controle de quem podia e devia falar/escrever (FOUCAULT, 2002, p. 8-9). “O escritor [em sua maioria, branco, heterossexual, classe média] sempre foi o sujeito dominante no discurso sobre o pobre e o excluído da sociedade brasileira” (HOLLANDA, 2014, p. 26) e, por isso, os discursos, produzidos e controlados por esses narradores/personagens/espacos, “produziram verdades e saberes” sobre essa população que até hoje estão na ordem do discurso.

Apresentados/representados, na maioria das vezes, de maneira preconceituosa, muitas dessas narrativas acabaram por revelar ainda mais padrões opressivos de preconceito e assinalar a funcionalidade social dos estereótipos.

Mas, como “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2002, p. 10) é que, trazemos para essa breve discussão alguns recortes do conto “Espiral”, do escritor periférico, Geovani Martins (2018), observando, principalmente, nas marcas linguísticas modo-temporais e no deslizamento de sentidos de alguns vocábulos, quais efeitos de sentido escapam no seu funcionamento discursivo sobre personagens/sujeitos marginalizados. Com isso, não pretendemos e/ou podemos mudar um discurso social e/ou dizer que outros não podem mais falar, mas sim que outra voz também precisa falar (RIBEIRO, 2017), pois como já ressaltava Foucault (2002), se o discurso é uma forma de poder, cresce a importância de se distinguir quem está falando.

Primeira obra do autor, o livro de contos “O Sol na Cabeça” de imediato rendeu muito sucesso de crítica. Propondo um novo realismo de desconstruções e representações, a obra é narrada a partir da ótica de jovens e adolescentes moradores de uma favela carioca. Assim como outras esferas de produção de discursos, o campo literário também se configura como um espaço enunciativo de diferentes significações, de efeitos de sentidos, que a depender daquilo que se pode e se deve dizer, a partir de uma dada posição, tem seus sentidos (re)velados. Enunciado nas escrituras da chamada Literatura Marginal², a obra nos convida a refletir a partir desse outro lugar, buscando (des)naturalizar algumas relações entre o abismo social entre o morro e o asfalto. Com uma linguagem precisa e econômica, o conto nos apresenta o desenrolar “da primeira perseguição” do jovem narrador-personagem a sua primeira vítima, Mário, homem branco, bem sucedido financeiramente, casado, duas filhas, exemplo discursivo de *um verdadeiro comercial de margarina* (2018, p. 19).

Para (des)construir, portanto, discursos, memórias e identidades sobre esses personagens, sobre essas “perseguições”, principalmente, a sócio-cultural, o jovem narrador centraliza em sua narrativa um dispositivo discursivo muito importante – a memória. Utilizando-se dela nesse jogo discursivo, a narrativa desenrola-se não somente para rememorar alguns fatos “corriqueiros” do seu cotidiano, mas, e, principalmente, para apresentar-nos seu ponto de vista histórico-social, suas/outras discursividades sobre sujeitos, histórias e identidades. De modo a afastar-se e aproximar-se dessa memória construída social e culturalmente, o jovem narrador vai dizendo-se e fazendo dizer o mundo (CORACINI, 2007), apresentando, com isso, outras e novas memórias/discursos.

Para materializar, portanto, essas memórias, utiliza-se na maior parte da narrativa os verbos no pretérito *Começou muito cedo. Eu não entendia* (2018, p. 17), que, sobremaneira, contribuem para reforçar esse cotidiano, essa ação repetida, que tem ocorrido no passado e que se prolonga até ao momento presente, a perseguição social. Assim, para problematizar como esse abismo social de preconceitos e injustiças evoluem não somente ao longo da narrativa, *é tudo muito próximo e muito distante. E, quando mais crescemos, maiores se tornam os muros*

² Movimento artístico-literário de autores que desde meados da década de 1990 “romperam a silenciosa posição de objeto para entrarem na cena literária utilizando a literatura enquanto veículo de um discurso político formado no desejo de autoafirmação” (PATROCÍNIO, 2013, p. 12), narrando eles mesmos os seus referentes. Entendida como a demarcação de uma territorialidade no âmbito das produções artísticas, a Literatura Marginal, com o seu acentuado discurso baseado em um princípio socioeconômico e territorial é, segundo Ferréz (2005), “uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas”.

(2018, p. 18), mas também na reafirmação de certos imaginários sociais, o conto enumera gradativamente os fatos cotidianos dessa vida de olhares e pré-conceitos estruturados, que começam na infância, por um desconforto, medo de senhoras em ponto de ônibus, de garotos de escolas particulares *quando meu bonde passava* (2018, p. 18) para um preconceito ainda mais estruturado na adolescência/vida adulta.

O enunciado temático e discursivo da “perseguição”, no efeito possível e impossível do dizer do texto, contribui para a (des)construção de sentidos identitários no relacionamento entre o linguístico e o social, isso porque, propõe-se a significar não somente a perseguição intimidadora em que o jovem narrador submete Mário e sua família no desenrolar da trama, mas também, a perseguição social e histórica que ao longo de sua vida o acompanha.

O final aberto do conto reforça a ambiguidade discursiva dessa “perseguição” que, ao trazer uma memória histórico-social sobre práticas naturalizadas a partir do contato com esses jovens, busca (des)naturalizar alguns arquétipos sobre esses personagens/sujeitos. A partir do último parágrafo, as relações estabelecidas ao longo da narrativa, de perseguição, se invertem, pois, agora, é Mário, quem, de cima, do alto de sua janela, por uma visão privilegiada quem passa a observar o personagem, que está, literalmente, em sua mira, *completamente transtornado, segurava uma pistola automática* (2018, p. 21).

Assim, ao deparar-se com essa situação, a narrativa acaba e o jovem narrador-personagem *Sorri para ele, percebendo naquele momento que, se quisesse continuar jogando esse jogo, precisaria também de uma arma de fogo* (2018, p. 22). O uso do verbo no pretérito imperfeito do indicativo na fala do narrador-personagem, “quisesse”, ratifica a não conclusão, até o momento, dos fatos ocorridos entre eles. Essa ideia de continuidade, portanto, é reforçada pela ação final do jovem, ao utilizar o futuro do pretérito, “precisaria”, tempo verbal que “expressa incerteza, surpresa e indignação, sendo utilizado para se referir a algo que poderia ter acontecido posteriormente a uma situação no passado, mas que não se concretizaram” e que, por isso, contribui, mais uma vez, para colocar em xeque uma série afirmações, reafirmações sociais, “verdades”, sobre esses dois jogadores, sobre essas “perseguições” e, na possibilidade do dizer, desse (outro) final.

Nesse sentido, julgamos ter brevemente demonstrado como esse texto contribui para “problematizar o lugar tradicionalmente ocupado pelo intelectual que falava para e por estes sujeitos” (PATROCÍNIO, 2013, p. 22). Narrando eles mesmos as representações de seus referentes principais, as possibilidades desses textos/discursos literários de trazerem para o centro das discussões questões de sujeitos e subjetividades e suas formas de poder, propõe “uma (nova) agenda de pesquisa que dialogue, inverta e cruze fronteiras” (KLEIMAN, 2013, p.49), que envolva, “o olhar do Sul, para o Sul” (p.50), com isso, descolonizando o conhecimento, (re)atualizando-o de maneira anti-hegemônica.

Pois, como nos autoriza Foucault (2008, p. 146), é mais que urgente entender que o “discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história” e que essas histórias precisam ser (re)conhecidas, narradas e analisadas por outros e múltiplos olhares para que, cada vez mais, as sociedades contemporâneas possam enfrentar os tantos desafios sócio-culturais e produzir outras possibilidades de exercício de subjetividades, hoje, tão dispersas e heterogêneas.

Espera-se, portanto, que esse texto permita tanto observar as formas de representação de personagens marginalizados na literatura quanto possibilitar modos outros de (se) conhecer, de pensar e de (se) relacionar com esses sujeitos/personagens. Por meio da (des)construção identitária de quem tem o poder legitimador de narrar esses personagens por outra ótica, com vistas a problematizar os discursos metafísicos sobre as representações identitárias de minorias,

desenvolvendo um trabalho acadêmico mais crítico e reflexivo, no sentido de aprimorar e produzir conhecimento sobre os discursos de textos literários, não só nas brancuras das páginas literárias, mas, sobretudo, nos aspectos sócios-culturais em geral.

Referências

BERTOLDO, E. S. *Posições discursivo-enunciativas de pesquisador e (im)possibilidades de rupturas epistemológicas*. In: GUERRA, V. M. L.; NASCIMENTO, C. A. G. S.; SOUZA, C. C. (Org.). *Sociedades Contemporâneas: diversidade e transdisciplinaridade*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 9-17.

CORACINI, M. J. F. F. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

CORACINI, M. J. F. F. *Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

DASLCATAGNÈ, R.; EBLE, L. J. Apresentação. In: _____. (Org). *Literatura e Exclusão*. Porto Alegre/RS: Editora Zouk, 2017. p. 11-14.

DALCASTAGNÈ, R. *Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro?* Entrevista concedida a Amanda Massuela. *Revista Cult Digital*, São Paulo, n. 231, 5 fev. 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>
Acesso em: 26 de out. de 2019.

FERRÉZ. *Literatura marginal talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HOLLANDA, H. B. *Crônica marginal*. In: RESENDE, B.; FINAZZI-AGRÓ, E. (Orgs.) *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2014. p. 25-38.

KLEIMAN, A. *Agenda de pesquisa ação em Linguística Aplicada: problematizações*. In: MOITA LOPES, L. P. (Org). *Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 39-58.

MARTINS, G. *Espiral*. In: _____. *O Sol na Cabeça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 17-22.

PATROCÍNIO, P. R. T. *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. 1ª edição. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. 386 p.

RIBEIRO, D. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.